



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória
Comunicação Oral

MÍDIA E AS INFORMAÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL E A CIDADE¹

MEDIA AND THE INFORMATION ON THE CULTURAL HERITAGE AND THE CITY

Valdir Jose Morigi, UFRGS
valdir.morigi@gmail.com

Luis Fernando Herbert Massoni, UFRGS
luisfernandomassoni@gmail.com

Resumo: O artigo reflete sobre os patrimônios culturais da cidade de Porto Alegre a partir das informações veiculadas pela mídia. Engloba o conceito de patrimônio cultural e a sua formação através da atribuição de valor feita pelos cidadãos aos elementos do espaço urbano. As informações sobre a cidade divulgadas pela mídia contribuem para a construção e fortalecimento de suas representações. Analisa as informações sobre o patrimônio cultural de Porto Alegre divulgadas no jornal impresso Zero Hora entre janeiro e março de 2014. Utiliza abordagem qualitativa no estudo, que é de natureza aplicada, com objetivo exploratório e procedimentos técnicos de cunho documental. Foca nas narrativas construídas pelo jornal, através da identificação dos patrimônios citados e da análise das informações veiculadas a seu respeito. Considera que as informações divulgadas no meio impresso auxiliam na mediação e construção das representações sobre a cidade e reforçam determinadas visões sobre o seu patrimônio cultural.

Palavras-chave: Mídia. Patrimônio Cultural. Cidade. Porto Alegre. Zero Hora.

Abstract: The article reflects about the cultural heritage of Porto Alegre's city through disseminated information by the media. Congregates the concept of cultural heritage and its formation through the attribution of value made by citizens to the elements of urban space. The informations about the city reveals by media contribute to the building and strengthening of its representations. Analyzes information about the cultural heritage of Porto Alegre provided in printed newspaper Zero Hora on January to March of 2014. Uses qualitative approach in the study, whose nature is applied, with

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

exploratory objective and technical procedures of documentary imprint. Focuses the narratives constructed by the newspaper, through the identification of the cited heritages and the analysis of informations disseminated about their respect. Considers that the information reveals in the printed medium assists in mediation and construction of representations of the city and reinforce certain views about their cultural heritage.

Keywords: Media. Cultural Heritage. City. Porto Alegre. Zero Hora.

1 INTRODUÇÃO

Nas cidades há prédios e monumentos que adquirem importância para o espaço urbano, conforme os significados que lhe são atribuídos, como resultado de processos de cunho histórico, social, cultural, etc. Algumas obras passam a ser consideradas testemunhas do desenvolvimento do local em que estão inseridas, e a elas atribuímos valores especiais, passando a considerá-las patrimônio cultural. Diversos fatores sociais, políticos e culturais concorrem para a definição do que seja o patrimônio cultural de um povo, de uma nação, de uma comunidade, sendo que seu conceito é bastante recente e resultado de lutas por valorização social de grupos antes invisíveis, passando a incluir a definição de patrimônio imaterial.

Esses bens adquirem diferentes significações, conforme o grupo e o período histórico considerado, e passam a fazer parte das representações da coletividade a respeito de si mesma, isto é, podem representar sua identidade e sua memória. Ou seja, não são evidentes em si mesmos, não se restringem ao material do qual são feitos, pois expressam algo além e são passíveis de serem investigados como um repositório de significações de um grupo, de uma comunidade, de uma nação, de uma época. Nesse processo, as informações produzidas sobre a cidade e seus patrimônios são fundamentais para entendermos a multiplicidade de representações sobre ela, caracterizando-a como produtora de informações sobre si mesma. Permitem também que nos perguntemos porque só uma representação se torna hegemônica, entre outras que teriam sido possíveis de serem construídas.

A mídia participa na construção dessas representações. Os estudiosos das mídias têm utilizado diferentes metáforas para refletir sobre as relações entre mídia e sociedade². Ainda que

² Muitos pesquisadores, nos estudos precusores sobre televisão, referiam-se à mídia como espelho da sociedade, que refletiria seus valores. Esta metáfora posteriormente foi criticada, especialmente pelos estudiosos do campo chamado de estudos de recepção, que preferia debruçar-se sobre os múltiplos significados atribuídos pelos públicos aos produtos midiáticos, e os processos de mediação para a construção desses significados. Ver, por exemplo, Martín-Barbero (1998), Jacks e Escosteguy (2005) e Magalhães (2008). Atualmente, muitos estudiosos das mídias têm refletido sobre as práticas de consumo do público, considerando o consumo de produções midiáticas em suas significações sociais. Ver, por exemplo, Miller (2008).

estas variem³, existe o reconhecimento da importância dos documentos e produtos midiáticos enquanto fonte de informação e material de pesquisa, tanto os produzidos pela televisão, como pelo rádio, pela *web* e pelo jornal impresso ou eletrônico, dentre outros.

O objetivo deste estudo é compreender o jornal impresso como fonte de informação e como parte na construção da multiplicidade de representações sobre patrimônio cultural a partir da mediação de informações divulgadas sobre a cidade. O artigo procura responder às seguintes indagações: Quais são as informações divulgadas no jornal impresso Zero Hora acerca do patrimônio cultural de Porto Alegre? Como elas reforçam determinadas visões sobre o seu patrimônio cultural?

Para tanto, analisamos as publicações do jornal Zero Hora (ZH)⁴ que demonstrem percepções sobre o patrimônio cultural de Porto Alegre (POA). A metodologia desta pesquisa está calcada na seleção de informações veiculadas pelo Jornal no período de janeiro a março de 2014, compondo um corpus de 235 materiais, dentre notícias, denúncias, opiniões, propagandas e outros. Identificamos abordagens diferentes sobre o patrimônio cultural, percebidas na análise da narrativa empregada na veiculação das informações sobre esses patrimônios. Por meio da divulgação de informações sobre os patrimônios e a cidade, ficam evidentes tensões a respeito das representações sobre o patrimônio cultural, enquanto assunto de interesse público. Percebemos que há uma relação indissociável entre o patrimônio cultural e a cidade, pois um interfere na rotina do outro.

2 INFORMAÇÃO, MÍDIAS E MEDIAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS CULTURAIS

O termo informação, em sentido amplo, conforme é utilizado, tem gerado muitos equívocos com relação ao seu conceito. Nesse sentido, cabe esclarecermos em que sentido a definição de informação está sendo utilizada neste artigo. Abordaremos o conceito de informação, na interface e no diálogo entre a Ciência da Informação e a Comunicação, áreas que estudam e investigam o fenômeno da informação e sua comunicação nos seus múltiplos contextos. Embora a primeira a aborde diretamente e a segunda de maneira indireta, concordamos com Stumpf e Weber (2003), quando elucidam a interdependência existente entre ambas, pois a informação precisa ser comunicada para existir e a comunicação somente existe se houver informação para comunicar.

³ Iniciando com *espelhos*, que refletem a sociedade, passamos a metáforas mais duras, como a de *simulacro* da realidade ou *hiper-realidade*, utilizadas por Baudrillard (1991), ou outras que destacam o aspecto coletivo das construções e processos, como a ideia de *rede* de Castells (2006).

⁴ Zero Hora pertence à Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), um conglomerado midiático que atua no Rio Grande do Sul (RS) e em Santa Catarina (SC). Considerado um jornal de referência, possui grande circulação e é um importante formador de opiniões, pois a relação do Jornal com a cidade é afetiva. A este respeito, ver Jacks, Morigi e Oliveira (2012).

Para Le Coadic (1996), a informação pode ser entendida como um conhecimento inscrito, ou seja, gravado sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. Mais que isso, o autor salienta que está relacionada à apreensão de sentidos ou seres em sua significação, sendo passível de compartilhamento. Isso é possível através das sociabilidades, utilizando um sistema de signos, que são elementos da linguagem responsáveis por associar um significante a um significado (LE COADIC, 1996). Desse modo, percebemos que a informação não é uma cópia fidedigna dos fatos reais, pois pode dar destaque a certos aspectos do ocorrido, em detrimento de outros. A interpretação do receptor da informação pode divergir dos fatos reais, pois a informação se configura como representação (LATOURL, 2004).

Na perspectiva de Marteleto (1995), a informação é um fenômeno de ordem social e simbólica, ou seja, não é algo pronto, ela é construída tendo em vista o contexto social e a atribuição de sentidos e símbolos por parte dos indivíduos que a ela têm acesso. “A produção de informações permite, portanto, resolver de modo prático, por operações de seleção, extração, redução, a contradição entre a presença e a ausência num lugar”. (LATOURL, 2004, p. 42).

A informação é transmitida através de um processo de comunicação, e seu conceito não deve ser abordado de maneira isolada, mas a partir das suas relações com outros conceitos, como o de documento e mídia (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Esse último, a mídia, em especial, pois é através das mídias, em seus mais diversos suportes, que efetivamente se comunica a informação, ou seja, elas são responsáveis por transmitir informações. Conforme Lemos e Nassif (2011, p. 4):

A Comunicação Social, ao estudar a relação entre a sociedade e os meios de massa, imprime à informação lugar de destaque. [...] informar é premissa da atividade jornalística, uma das vertentes da Comunicação Social. Assim, os meios de comunicação de massa têm por finalidade informar e entreter o público. No caso do jornalismo, as informações que constituem o conteúdo veiculado nos suportes impresso (jornal e revista), eletrônico (televisão, rádio) e *on-line* são chamadas de notícias. [...] Na prática jornalística, as reflexões sobre o conceito de informação são equivalentes aos debates sobre o conceito de notícia. [...] Assim, sempre que o indivíduo lê, ouve ou vê uma notícia, ele está lendo, ouvindo e vendo uma informação. [...] infere-se que as notícias não são retrato da realidade; são realidades socialmente construídas.

Percebemos, a partir da leitura de autores da área de Comunicação, que a ideia de informação destacada nos estudos sobre o jornalismo está associada ao fenômeno notícia. Diversos são os autores da área de Comunicação que, segundo Lemos e Nassif (2011),

afirmam ser a notícia um produto fabricado, pois é construído de acordo com certos procedimentos técnicos. A notícia não é um simples relato da sociedade: questões como a linha editorial do jornal e a visão política dos editores também possuem peso na seleção das informações.

Nesse sentido, a informação passa por um complexo tratamento até ser disponibilizada, sendo que, nesse processo, alguns elementos podem ser destacados ou ignorados, dependendo do objetivo que se pretende com sua veiculação. Os meios de comunicação penetram de maneira cada vez mais significativa nos mais diversos âmbitos da vida social, realizando mediação através das informações acerca dos temas narrados.

Ressaltamos a mediação presente no processo de difusão das informações, sendo esse papel exercido pela mídia, ao divulgar notícias sobre um determinado fato, que acabam por fortalecer uma visão sobre o fenômeno noticiado. Destacamos, entretanto, que as representações, do mesmo modo que as informações e as notícias, não são recebidas de maneira passiva. Os receptores possuem outras fontes de informação (além daquelas expressadas pelos meios), especialmente as obtidas na interação social e no processo de educação. A sua visão de mundo é formada nesses processos e é possível que os jornalistas e produtores de informações também os considerem. Assim, inúmeros são os fenômenos abordados pelas notícias, que também contribuem para a construção de nossa visão de mundo.

Os conteúdos das informações veiculadas pela mídia são os mais variados, bem como as abordagens a seu respeito. Nas narrativas midiáticas, percebemos um destaque ao tempo e ao espaço onde ocorrem os acontecimentos. Um destes espaços é a cidade, que é o palco da sociabilidade onde ocorrem as trocas de experiências entre indivíduos e os conflitos, pois dentro dela se efetiva a troca de valores e opiniões sobre os fenômenos que circundam a existência humana.

Concordamos com Burke (2003), quando afirma que a cidade se constitui uma fonte de informação em si mesma. Essa não é uma prática restrita ao mundo contemporâneo, pois embora tenham se modificado ao longo do tempo, as cidades passaram por um processo histórico no qual foram se configurando como fontes de informação sobre si, seus cidadãos e as dinâmicas que lhe dão vida. Os lugares foram fundamentais na história do conhecimento, pois as cidades possibilitavam encontros pessoais e o que as pessoas sabiam estava relacionado ao lugar onde viviam e as cidades funcionavam como pontos de encontro (BURKE, 2003), aproximando as pessoas e fortalecendo os laços identitários uns com os outros e com o próprio espaço da cidade.

Além disso, a cidade é o espaço imaginado por cada um de nós na revolução criadora de nossa memória (DODEBEI; STORINO, 2007). Ela é dinamizada pelos modos de vida das pessoas que nela residem ou residiram e que nela transitam ou transitaram. “Tomando-a como uma paisagem ou por um enquadramento fotográfico circunstancial, construímos sua imagem a partir da tensão entre o que vemos e o que imaginamos, entre o visível e o invisível.” (DODEBEI; STORINO, 2007, p. 276). É o espaço urbano onde se manifestam os diversos agentes sociais, sendo que está impregnada por seus resquícios, que com o tempo tornam-se patrimônios culturais daquele lugar.

O patrimônio cultural surgiu inicialmente em um âmbito restrito, referindo-se ao direito privado de propriedades. O Estado Nacional transformou radicalmente o conceito de patrimônio, que passou a atuar na formação da identidade nacional, como um meio de fazer com que os cidadãos compartilhassem valores e costumes, de modo a comunicar-se entre si e compreender que tinham um lugar e uma origem em comum (FUNARI; PELEGRINI, 2009). O patrimônio começou a ser entendido também como propriedade pública, pertencente à coletividade. De acordo com o decreto-lei nº 25, de 1937:

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937, p. 1).

Com o passar do tempo, passamos a entender patrimônio histórico e artístico como patrimônio cultural, termo que unifica e designa esses bens, considerando toda produção humana como bem cultural (ARARIPE, 2004). Representar o passado, re-situando-o no presente, é uma ação benéfica para a construção social da memória coletiva, pois possibilita abrir dialeticamente o presente ao fluxo do tempo, sendo que são essas pluralidades interpretativas que emancipam o habitante da cidade (ECKERT, 2002), pois “[...] sabemos, hoje, quantas gerações no Brasil tiveram de herdar a crença de não serem sujeitos da história de sua cidade, de seu país, sendo obrigados a aderir à memória oficial, temendo seus próprios desejos de mudança.” (ECKERT, 2002, p. 80).

Nossas experiências são diversificadas pelo tempo, que é caracterizado por rupturas e discontinuidades, sendo que não devemos ficar submissos à noção de uma memória inscrita sobre os referentes históricos da cidade, pois precisamos ter em mente a cidade que se constrói incessantemente, dinamizada pela lembrança e esquecimento de seus habitantes, que a entendem a partir de referenciais de identificação e estranhamento (ECKERT, 2002).

É um equívoco compreender o patrimônio cultural como uma herança, algo repassado por um terceiro e que já se encontra pronto. Instituímos o patrimônio cultural através de um complexo processo de atribuição de valor que ocorre na esfera pública, que é o conjunto de instituições que representam e participam da sociedade civil no espaço político-administrativo do Estado (ARANTES, 2009). Defendemos este ponto de vista com a alegação de que o patrimônio somente se constitui como tal no momento em que representa algo para a população da cidade, seu dia a dia e sua história. Nessa mesma perspectiva, atribuímos um valor diferenciado às estruturas edificadas e aos elementos da natureza que compõem os territórios por onde transitamos, pois eles ancoram nossa visão de mundo, materializam nossas crenças e testemunham acontecimentos marcantes de nossa memória coletiva (ARANTES, 2009).

Concordamos com Araripe (2004), quando afirma que é preciso olhar o patrimônio como lugar em que se projetam as significações responsáveis por delinear e formar as representações, tendo na cidade o seu lugar privilegiado. Sendo assim, “[...] a noção de patrimônio da cidade se traduz como conhecimento ao poder de todos, num processo de democratização do saber pela relação prática do cidadão com referenciais de memória acessíveis às suas representações.” (ECKERT, 2002, p. 82).

A história e a identidade são questões urbanas, que se materializam no monumento, estando este intimamente associado à cidade (GASTAL, 2006). O patrimônio não pode ser estudado dissociado da cidade, pois é um campo marcado pelo diálogo e a cidade é onde se realiza esse diálogo. Como citado anteriormente, a cidade é o espaço das trocas, das interações e transformações da forma de entender o mundo, pois é nela que se constroem as significações e as identidades dos lugares.

A visão do monumento enquanto um edifício isolado, mesmo quando se considera seu entorno ou vizinhança, conforme Prata (2009), não dá mais conta da dinâmica urbana, ao mesmo tempo em que não basta compreender o conjunto urbano como um grande monumento. Para a autora, esse contexto deu origem à expressão “patrimônio ambiental urbano”. Nessa perspectiva, Prata (2009) afirma que a sua preservação—passa a ser indissociável da sua compreensão como algo inserido no complexo, dinâmico e vivo meio urbano. Essa nova visão se tornou possível devido à ampliação do conceito de patrimônio, que deixou de se referir estritamente ao monumento, passando a englobar o seu entorno e vizinhança. Além disso, também ultrapassou o vínculo com a arquitetura “pedra e cal” e passou a ter um sentido mais antropológico.

Desse modo, o patrimônio deve ser abordado sob uma perspectiva ampla e integradora, considerando a sua interação com a cidade. A compreensão do patrimônio cultural ocorre quando entendemos a importância que ele tem para a cidade e, do mesmo modo, somente compreendemos a cidade se estudamos os elementos que a compõe, dentre os quais está o patrimônio cultural. Os sujeitos são centrais nesse processo, pois dão significado ao patrimônio e à cidade. Os sujeitos são os cidadãos, que experienciam o ambiente urbano e formam suas representações sobre ele. Além disso, os diversos agentes sociais que dela participam realizam inúmeras mediações a seu respeito. Por exemplo: na divulgação de informações sobre a cidade, jornalistas, colonistas e especialistas afetam o modo como vão se construir as representações da cidade. Assim, as representações sobre o patrimônio cultural são fruto de um complexo processo de atribuição de sentidos que ocorre na esfera pública, por meio de experiências do cidadão com a cidade e dos meios que possibilitam o acesso às informações sobre ela.

A narração acerca dos fatos que dinamizam o espaço urbano é realizada especialmente por agentes específicos. Para García Canclíni (2005), a cidade vem sendo representada pelas crônicas jornalísticas, pela televisão e pelo rádio, constituindo-se como os principais agentes que atuam na construção dos sentidos urbanos, nos fazendo repensar sobre o que a cidade é ou pode ser. A mídia exerce um papel na disseminação e estabelecimento de representações, tendo em vista que os bens simbólicos são recriados através das mídias, que os faz circular na sociedade (RADDATZ; MORIGI, 2007). A perspectiva que adotamos aqui é de que a mídia, ao veicular notícias sobre a cidade e seus patrimônios, auxilia na construção e no fortalecimento de suas representações.

Sob essa ótica, compreendemos que para reconhecer e justificar o *status* de patrimônio, “[...] devemos estudar os processos de rememoração e as representações sociais que o constrói discursivamente.” (SOUZA; CRIPPA, 2011, p. 243). Desse modo, como apontado pelos autores, o patrimônio precisa ser considerado a partir do presente, resultante de seu tempo, transformado de acordo com a instabilidade da memória e dos interesses políticos que interferem em sua construção. As representações sobre o patrimônio refletem as tensões e os conflitos existentes entre os diferentes interesses de grupos sociais em disputa pelo poder na sociedade. As informações divulgadas sobre a cidade e seu patrimônio auxiliam na mediação dos sentidos construídos sobre ambos.

No momento em que são lembrados, as cidades e seus símbolos tornam-se fenômenos complexos, pois as informações sobre ela e seus conteúdos significativos nos remetem a um contexto temporal e espacial. A institucionalização desses significados confere o sentido local, uma vez que

as experiências vividas no ambiente citadino compõem a matéria-prima das construções simbólicas. (MORIGI; COSTA, 2010, p. 71).

Esse processo ocorre de maneira complexa, tendo em vista todas as questões levantadas anteriormente, que incluem o tratamento da informação enquanto notícia, bem como a linha político-ideológica do canal e seu impacto na abordagem e na apresentação do acontecimento noticiado. Dentre os vários canais de comunicação de que dispõem as mídias, um dos que se destaca no fornecimento de informações sobre a cidade é o jornal, tendo em vista que:

A imprensa jornalística foi o primeiro recurso tecnológico moderno para informar-se sobre a cidade. Sua aparição foi decisiva para a instauração da noção moderna de esfera pública, e este meio continua oferecendo mais oportunidades que os demais para a elaboração do debate sobre os assuntos públicos. (GARCÍA CANCLINI, 2002, p. 44).

Enquanto fonte de informação, o jornal mantém a população a par dos acontecimentos da cidade, do país e do mundo, utilizando diversos recursos audiovisuais e linguagens para cumprir esse papel. Como apontam Morigi e Costa (2010), o jornal faz circular as vozes dos agentes oficiais sobre a cidade, que são os membros do Estado. Além deles, também se manifestam opiniões de porta-vozes da sociedade-civil, especialistas, tais como arquitetos e planejadores urbanos, bem como estudiosos, políticos e lideranças associativas empresariais. Esses sujeitos fortalecem determinadas representações sobre ela, influenciando a percepção do leitor.

O jornal usa uma série de recursos para informar sobre a cidade, pois fotografias, ilustrações, charges e outros elementos gráficos são integrantes da narrativa na qual ele é mediador, compartilhando a imagem da paisagem citadina, de modo a reforçar os laços sociais existentes entre os cidadãos e o lugar (MORIGI; COSTA, 2010). A mediação das informações sobre os patrimônios da cidade por parte do jornal afeta as representações na medida em que as notícias possuem uma carga de sentidos que produz diferentes significados ao serem apropriados pelo público.

Entretanto, a credibilidade da fonte de informação é uma questão a ser pensada, uma vez que informações não autênticas podem distorcer o entendimento sobre o assunto estudado. No caso do jornal, em particular, “[...] o inconveniente da seletividade na produção de notícias de jornal afeta a credibilidade deste material documental como fonte de informação.” (VALLES, 1999, p. 133, tradução nossa). As especificidades da comunicação

jornalística lhe garantem um lugar de destaque quando se pretende estudar o patrimônio cultural, mesmo que a informação veiculada seja parcial ou distorcida.

3 PORTO ALEGRE E SEUS PATRIMÔNIOS NA VISÃO DO JORNAL IMPRESSO ZERO HORA

No presente estudo, entendemos a informação como um fenômeno de ordem social e simbólica que afeta a apreensão de sentidos e, ao ser veiculada pela mídia na forma de notícia, atua no fortalecimento de determinadas representações. Compreendemos que as informações sobre os patrimônios culturais divulgadas pelo jornal impresso auxiliam na formação da opinião dos leitores e nas suas representações sobre eles.

Os sujeitos são centrais na formação dessas representações, não apenas os cidadãos que interagem com a cidade, mas também o corpo editorial, os colunistas e os especialistas que se manifestam por meio do jornal. Há uma escolha de quais informações serão veiculadas, o que explica porque alguns patrimônios ganham visibilidade, enquanto outros são esquecidos, bem como a abordagem feita a respeito deles.

Conforme salientamos, temos por objetivo compreender o jornal impresso como fonte de informação no auxílio da construção das representações sobre patrimônio cultural a partir da mediação de informações divulgadas sobre a cidade. Para tanto, selecionamos materiais divulgados pelo jornal Zero Hora que contenham referências aos patrimônios culturais de POA, analisando as relações entre eles e a cidade, os cenários (bairros e regiões), as personagens (tanto os sujeitos citados como os produtores das notícias), os temas (motivos das discussões), a partir dos acontecimentos narrados pelo jornal.

Como resultado da pesquisa, identificamos um total de 235 materiais, dentre notícias, denúncias, opiniões, propagandas e outros. Coletamos os materiais que tratam dos patrimônios culturais da cidade de POA, sendo que para isso adotamos uma perspectiva abrangente a respeito do conceito de patrimônio cultural, considerando a sua relação com a cidade contemporânea. A seguir apresentamos os resultados a partir dos materiais coletados, destacando alguns dos principais patrimônios identificados nas narrativas do jornal (Quadro 1), distribuídos entre os diferentes espaços da cidade (Quadro 2).

Quadro 1 – Principais Patrimônios de Porto Alegre Identificados nas Narrativas de Zero Hora

Patrimônio	Nº de Materiais
Paço Municipal	3
Palácio da Justiça	1
Palácio Farroupilha	1
Palácio Piratini	3
Imóveis listados para tombamento	4

Mercado Público	4
Capela do Pão dos Pobres	2
Prédios históricos da UFRGS	11
Monumento ao Laçador	2
Estátua Leonel Brizola	6
Curadoria das Obras de Arte	8
Cais Mauá	9
Usina do Gasômetro	14
Arroio Dilúvio	6
Avenida Castelo Branco	4
Por do Sol / Lago Guaíba / Orla	17
Festa de Nossa Senhora dos Navegantes	5
Carnaval	27
Total	127

Fonte: dos autores.

O bairro *Centro Histórico* obteve o maior número de registros de patrimônios retratados nas matérias jornalísticas analisadas.⁵ O centro da cidade é considerado um ponto de encontro e de circulação dos porto-alegrenses e de visitantes, pois nele estão instalados os principais comércios da cidade. Além disso, concentram-se diversos espaços de lazer e prédios públicos. Esses traços identificam o bairro e o colocam, isoladamente, no topo das ocorrências das matérias sobre os patrimônios culturais visibilizados pelo Jornal, com 32 patrimônios dos mais variados tipos: prédios antigos ocupados por órgãos públicos, igrejas, teatros, praças, paisagens naturais de importância paisagística. O Centro Histórico se constitui um dos bairros atrativos em termos de localização das atividades comerciais, culturais e políticas da cidade. Observamos que quanto mais afastado do centro da cidade, menos patrimônios são identificados nas narrativas de ZH. Esses dados mostram as diferentes ocupações dos espaços da cidade, reforçando a relação desigual entre o “centro” e a “periferia”.

Quadro 2 – Bairros e Total de Patrimônios Identificados nas Narrativas de Zero Hora

Bairros	Nº de Patrimônios
Centro Histórico	32
Independência	1
Moinhos de Vento	2
Rio Branco	1
Santa Cecília	1
Farroupilha	4
Cidade Baixa	3
Santana	2
Auxiliadora	1

⁵ A urbanização de POA se inicia na região do cais do *Lago Guaíba*, ocupada pelo bairro *Centro Histórico*, no extremo oeste da cidade. A formação do bairro ocorre através da colonização açoriana.

Passo d'Areia	1
Boa Vista	2
Bela Vista	2
Petrópolis	2
Três Figueiras	1
Chácara das Pedras	4
Rubem Berta	1
São José	1
Agronomia	1
Marcílio Dias	2
São Geraldo	1
Navegantes	1
São João	1
Praia de Belas	7
Menino Deus	2
Cristal	1
Tristeza	1
Ipanema	1
Espírito Santo	1
Guarujá	1
Total	81

Fonte: dos autores.

Os bairros ao norte e ao leste do Centro Histórico se caracterizam por alguns tipos de patrimônios específicos, como praças e parques. Já nos bairros do sul de Porto Alegre, as narrativas do Jornal apontam expressiva quantidade de referências ao *Lago Guaíba*. Houve pouca referência aos seus parques, tendo em vista que os únicos citados nos materiais coletados são o *Marinha do Brasil*, no bairro Praia de Belas, e o *Zeno Simon*, na orla do bairro Guarujá.

No material coletado, identificamos prédios históricos, como palácios, museus, centros culturais, cinemas, teatros, igrejas, instituições educacionais, além de edificações relevantes para a vida na cidade, como pontes, túneis e viadutos. Também há monumentos e obras de arte do ambiente urbano, bem como imóveis privados tombados.⁶ O material também é composto por trechos urbanos edificados, como ruas, orlas e conjuntos patrimoniais, além de praças, parques e elementos da natureza importantes para a paisagem da cidade, tais como lagos, arroios e o pôr do sol. Além disso, os materiais também incluem festividades que compõem a agenda cultural da cidade, como festas populares e celebrações religiosas, espetáculos artístico-culturais e referências à cena musical da cidade. O período da coleta de dados (janeiro a março)

⁶ Optamos por não incluir estádios de futebol de POA, como o *Beira-Rio*, a *Arena* e o *Olímpico Monumental*, devido à grande quantidade de materiais divulgados sobre esses patrimônios, principalmente por se tratar de um período próximo à Copa do Mundo. Entendemos ser mais apropriada a realização de um estudo específico com esses bens, não abrangido na presente pesquisa.

determinou o tipo de patrimônio referido pelo jornal, ligado ao fluxo dos acontecimentos do calendário festivo que compõem a agenda cultural da cidade.

Prédios utilizados pelo poder público são citados pelo Jornal, como o *Paço Municipal* (sede da prefeitura de POA), o *Palácio da Justiça* (sede do Tribunal de Justiça do estado), o *Palácio Farroupilha* (sede da Assembleia Legislativa) e o *Palácio Piratini* (sede do governo estadual). Esses edifícios possuem importância histórica, cultural e política, pois são palcos de tensões entre as decisões do poder público e os interesses privados, o que podemos inferir a partir das informações de ZH, que evidenciam, por exemplo, os protestos e manifestações populares que ocorrem com frequência nestes lugares.

Em uma reportagem, o Jornal aborda a respeito dos conflitos entre a Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre (EPAHC) e moradores do bairro Petrópolis, que tiveram seus imóveis listados como passíveis de tombamento como patrimônio cultural. A EPAHC incluiu centenas de imóveis nessa lista, que estabelece regras para a manutenção desses bens. Para os moradores, essa medida é vista como um cerceamento de seus direitos, pois a medida impõe que eles devem conservar as fachadas das casas, impedindo-os de realizarem mudanças na estrutura ou no volume do prédio. Isso também trouxe preocupações para construtoras, que adquirem casas e usam os terrenos para construção de futuros prédios. O Jornal deu voz a diferentes opiniões acerca desta questão, permitindo que se manifestassem a respeito advogados, vereadores e moradores do bairro.

O *Mercado Público*, no Centro da cidade, foi edificado em 1844 e surgiu da necessidade de comercialização e de um espaço de sociabilidade para os moradores da cidade. O local sempre foi importante não apenas pelo comércio: durante o século XIX era onde circulavam as últimas notícias do Brasil, devido ao intenso fluxo de pessoas, sobretudo em função do Porto (PORTO ALEGRE, 200-?). O jornal enfocou a recuperação do prédio, após incêndio ocorrido em julho de 2013. As notícias veiculadas no período de janeiro a março de 2014 tratavam da reabertura das bancas e restaurantes prevista para o mês de janeiro do ano corrente.

Entre os prédios de instituições religiosas, o jornal fez cobertura sobre o incêndio ocorrido na *Capela do Pão dos Pobres*, tombada em 2000. O prédio teve o telhado e algumas de suas obras sacras atingidas pelas chamas. Na capa do Jornal no dia 13 de janeiro, um lamento à história do prédio: “118 anos queimados”.

O Jornal divulgou informações sobre prédios de instituições de ensino de POA, dentre os quais o *Projeto Resgate dos Prédios Históricos*, que objetiva preservar, revitalizar e adequar as edificações da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS). O projeto faz parte de uma campanha publicitária de doação financeira para revitalização dos prédios, publicada todos

os sábados, a qual a ZH apoia em conjunto com a UFRGS. Em um *banner*, estão inscritas informações sobre o projeto: telefones, *e-mail* e *site*, além de fotos ou desenhos da edificação, bem como informações de sua história, detalhes arquitetônicos, importância, simbologia ou corrente artística a qual faz parte. Nesses materiais, que destacam os detalhes dos prédios, contém a frase “São detalhes como esses que tornam os Prédios Históricos da UFRGS únicos. Ajude a preservá-los.” O apelo publicitário às doações é ancorado em informações sobre o valor simbólico dos prédios, por sua história.

As estátuas de POA foram encontradas em propagandas de empresas locais que utilizaram a imagem do *Monumento ao Laçador*, que foi tombado em 2001 e representa o gaúcho em trajes típicos, tendo como modelo o tradicionalista Paixão Côrtes. O Jornal faz circular informações não apenas de patrimônios tradicionalmente conhecidos dos porto-alegrenses, mas também informa a respeito dos novos monumentos incorporados ao ambiente urbano. É o caso da *estátua em homenagem a Leonel Brizola*, inaugurada no dia 22 de janeiro (aniversário de 92 anos do pedetista) e localizada entre o *Palácio Piratini* e a *Catedral Metropolitana*, local de onde Brizola comandou a Campanha da Legalidade, em 1961, segundo ZH.

O Jornal atuou como mediador na discussão sobre a curadoria das obras de arte do espaço público, debate originado pela tramitação do Projeto de Lei 237/09, que dava aos vereadores o poder de aprovar ou não os novos monumentos da cidade. O projeto atribuía aos vereadores o papel exercido pelos curadores de arte de espaços públicos, o que desagradou a comunidade artística, que se manifestou via ZH. Contra ou a favor do projeto, diversos sujeitos se manifestaram, como representantes da Secretaria Municipal de Cultura, historiadores, vereadores, estudiosos, artistas plásticos e demais especialistas sobre o tema. Essa discussão causou tensão entre os diversos grupos sociais envolvidos na questão. No debate houve trocas de insultos e críticas diretas aos argumentos uns dos outros. Embora o foco da discussão tenha sido a interpretação das obras de arte por parte da população, identificamos apenas a veiculação da opinião de especialistas, artistas ou políticos. A população leiga no assunto não participou do debate.

Outro patrimônio citado por ZH é o *Cais Mauá*, no bairro Centro Histórico. As notícias destacam principalmente a revitalização planejada para o patrimônio, que tem o intuito de tornar o cais mais uma opção de lazer para moradores e turistas. A primeira etapa do projeto abrange a demolição de seis dos 17 armazéns constantes do local. O projeto prevê a restauração dos 11 armazéns restantes, que datam da década de 1920 e são tombados pelo Patrimônio Histórico. A segunda etapa do projeto inclui torres comerciais, hotel e centro de eventos próximo à estação

rodoviária, além de um *shopping* ao lado da *Usina do Gasômetro*. O Jornal apresenta projeções do local a partir da revitalização, que é abordada de uma maneira otimista pelo periódico, que sempre ressalta as melhorias decorrentes da reforma.

Próximo ao *Cais Mauá* encontramos a *Usina do Gasômetro*, antiga usina de geração de energia e que hoje funciona como centro cultural. Esse local é um símbolo da cidade, pela recorrente forma como é abordado em diversas propagandas (empresas públicas e privadas), reforçando o caráter simbólico desse patrimônio. Há uma matéria sobre o compartilhamento de fotografias em redes sociais, em que é citado o @igersrs, principal grupo de compartilhamento de imagens sobre o RS no *Instagram*, sendo a *Usina do Gasômetro* um dos pontos preferidos dos internautas para compartilhar fotos da cidade.

Nos cem dias para o início da *Copa do Mundo* no Brasil, os monumentos emblemáticos de cada uma das 12 cidades-sede foram iluminados de verde e amarelo. Na capital gaúcha, o patrimônio escolhido foi a *Usina*. De acordo com a notícia, 180 lâmpadas foram utilizadas para compor esse efeito, visível nas quatro fachadas do prédio. Essa notícia evidencia que os patrimônios, pelo seu simbolismo, são enfeitados para comemorar eventos que ocorrem na cidade.

Outro trecho urbano que identificamos nas notícias do Jornal é o *Arroio Dilúvio*, que corta a cidade ao meio e é costeado pela *Avenida Ipiranga*. Todas as matérias possuem um tom de denúncia, pois evidenciam as péssimas condições de limpeza do *Arroio*, bem como os problemas sociais decorrentes dessa poluição. Uma das notícias informa que há mendigos morando às margens do local, sendo que, enquanto eles defendem o direito de habitá-lo, os pedestres se queixam das barracas à beira da *Avenida Ipiranga*, da sujeira produzida por essas pessoas, além da falta de segurança. Nessa reportagem, ZH questiona a atuação dos órgãos públicos.

ZH também divulgou informações sobre as ruas da cidade, envolvendo-se na polêmica sobre a alteração da *Avenida Castelo Branco* para *Avenida da Legalidade*. Esse projeto⁷, aprovado em 2014, mexe com a memória da cidade, ao alterar uma via com nome de um ditador para homenagear um movimento em prol da democracia. Ao dar visibilidade ao tema, o Jornal tenciona concepções político-ideológicas a respeito da utilização dos símbolos da cidade na construção das representações instituídas.

Uma imagem com maior frequência na narrativa do Jornal é a vista do pôr do sol sobre

⁷ Rejeitado em 2011, o projeto tem a intenção de simbolizar uma “descomemoração” dos 50 anos do Golpe Militar de 1964. O Jornal informou que o projeto vinha sendo perseguido por alguns vereadores, argumentando que “não se pode apagar a história”.

o *Lago Guaíba*. Em uma foto do poente, lemos “Na beira do Guaíba nunca é tarde para um fim de tarde.” Dentre outros materiais publicitários, o *banner* da RBS veiculado no aniversário da cidade cita que “O sol já se pôs mais de 88 mil vezes nesta cidade. Mesmo assim, cada pôr do sol parece único”. Constatamos também que há apropriação dessa paisagem pelos cidadãos, pois dentre todos os patrimônios, foi o que mais apareceu nos materiais enviados à coluna *Do Leitor*⁸. Presente em sete fotos, o pôr do sol é visto de diferentes locais da cidade, como dos arcos no calçadão de Ipanema, do *Parque Marinha do Brasil*, do *Clube dos Jangadeiros*, dentre outros locais da Zona Sul da Capital. A constatação de que o pôr do sol do Guaíba é o patrimônio da cidade que mais aparece na coluna *Do Leitor*, a qual justamente publica materiais enviados por seus leitores, indica que esse parece ser um símbolo da cidade, povoando as representações da população porto-alegrense.

O Jornal veiculou algumas notícias a respeito da *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes*, a celebração religiosa mais tradicional de POA. De acordo com ZH, a expectativa era de que 160 mil fieis participassem da 139ª edição da festa, que se estende das 7h às 23h. O Jornal divulgou informações úteis aos participantes do evento, previsão do tempo, greve dos rodoviários e um mapa do trajeto da profissão.

Um dos acontecimentos de destaque no mês de fevereiro é o *Carnaval* e o desfile das escolas de samba. Os desfiles são realizados no *Complexo Cultural do Porto Seco*, no bairro Rubem Berta. No texto intitulado “Um desfile de promessas”, o Jornal informa que o sambódromo foi inaugurado em 2004, mas até hoje permanece inacabado, pois não possui alvará de incêndio e usa estruturas provisórias para as arquibancadas. Outro texto relata o *Carnaval* na época em que era realizado na Cidade Baixa. “A cultura popular tinha seu berço bem perto do Centro. E todos éramos muito felizes. ” Foi então que os desfiles foram transferidos para o *Porto Seco*, distante do Centro, atrapalhando aqueles que só queriam desfilar e cantar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo mostrou como ocorre a mediação das informações sobre o patrimônio cultural da cidade através do jornal impresso. Essas informações auxiliam no fortalecimento de representações sobre esses patrimônios na medida em que dão visibilidade a esses bens e os problematizam mediante as transformações que ocorrem no ambiente urbano, reiterando as relações entre o patrimônio cultural e a cidade.

A análise dos resultados da pesquisa evidencia que há uma distribuição desigual dos

⁸ A Coluna Do Leitor publica materiais enviados ao Jornal por cidadãos leigos através da *web*.

patrimônios culturais entre os diferentes bairros da cidade. As informações veiculadas pelo meio impresso sobre eles se concentram no bairro Centro Histórico. Os bairros ao leste e ao norte do Centro se caracterizam pela presença de áreas verdes, especialmente de praças e parques, enquanto nos bairros ao sul predomina uma relação mais direta com o pôr do sol.

O Jornal divulga informações que reforçam patrimônios já consagrados e conhecidos pela população, cujo vínculo com eles se funda nas ideias de preservação, de “veneração” e do “sagrado”. Além disso, visibiliza questões polêmicas em relação ao tombamento e às ações de depredação do patrimônio público, associados às manifestações populares ocorridas em 2013. No caso da discussão a respeito da curadoria das obras de arte no espaço público da cidade, percebemos que o Jornal deu visibilidade às diferentes opiniões referentes à escolha e à aprovação das obras. Através da publicação de artigos, especialistas em História da Arte e História participaram da discussão sobre a tramitação do Projeto de Lei 237/09. O pôr do sol do Guaíba, principal patrimônio veiculado pela coluna *Do Leitor*, se destaca por evidenciar que a população parece possui um grande carinho com o lago e sua orla.

Nos preparativos para a Copa do Mundo, percebemos modificações em espaços da cidade, como a iluminação da *Usina do Gasômetro*. O Jornal também informou a respeito de manifestações contra a realização do evento, principalmente em frente aos prédios públicos do Centro da cidade. Desse modo, a Copa modificou a rotina da cidade, ao mesmo tempo em que foi uma oportunidade de contato entre porto-alegrenses e estrangeiros – nós e os outros. Assim, os patrimônios culturais da cidade são ressignificados.

Ao longo do tempo, os órgãos responsáveis ampliaram o conceito de patrimônio cultural, que inicialmente esteve restrito aos monumentos isolados, perpassando os centros históricos, até chegar na concepção atual, que leva em conta a cidade contemporânea. Essa perspectiva se confirma no presente estudo, pois percebemos que, a partir da divulgação das informações sobre a cidade e seus patrimônios, os acontecimentos podem transformar o espaço físico da cidade e trazer tensões simbólicas a respeito das novas representações sobre o patrimônio cultural, seus usos e constituição.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. A. Patrimônio Cultural e Cidade. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Org.). **Plural de Cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 11-24.

ARARIPE, F. M. A. Do Patrimônio Cultural e seus Significados. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 111-122, maio/ago. 2004.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Lex**: coletânea de legislação, 1937.

BURKE, P. O Lugar do Conhecimento: centros e periferias. In: _____. **Uma História Social do Conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 54-77.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O Conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

DODEBEI, V.; STORINO, C. As Cidades e o Patrimônio Cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. S.; SANTOS, M. S. (Org.). **Museus, Coleções e Patrimônios**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007, v. 1, p. 275-282.

ECKERT, C. O Que Não Esquecemos? tudo aquilo que temos razões para recomeçar. In: POSSAMAI, Z. R.; ORTIZ, V. (Org.). **Cidade e Memória na Globalização**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002. p. 77-87.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GARCÍA CANCLINI, N. Cidades e Cidadãos Imaginados pelos Meios de Comunicação. **Opinião Pública**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 40-53, 2002.

_____. O Papel da Cultura em Cidades Pouco Sustentáveis. In: SERRA, Monica Allende (Org.). **Diversidade Cultural e Desenvolvimento Urbano**. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 185-198.

GASTAL, S. **Alegorias Urbanas**: o passado como subterfúgio. São Paulo: Papirus, 2006.

JACKS, N.; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, N. MORIGI, V. J.; OLIVEIRA, L. D. **Porto Alegre Imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

LATOUR, B. Redes que a Razão Desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da Rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e política da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004. P. 39-63.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LEMOES, A. B; NASSIF, M. E. Informação e Notícia: conexões no âmbito da Ciência da Informação e da Comunicação Social. **DataGramaZero**: Revista de Informação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, jun. 2011.

MAGALHÃES, N. **Eu Vi um Brasil na TV**: televisão e cultura em perspectivas antropológicas. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

MARTELETO, R. M. Cultura, Educação, Distribuição Social dos Bens Simbólicos e Excedente Informacional. **Informare: Cadernos do Programa da Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1995.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

MILLER, D. **Trecos, Troços e Coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORIGI, V. J.; COSTA, V. T. S. Memória, Representações Sociais e Saberes Locais na Construção dos Imaginários Sobre Porto Alegre. In: FRANÇA, M. C. C. C.; LOPES, C. G.; BERND, Z. (Org.). **Patrimônios Memoriais**: identidades, práticas sociais e cibercultura. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010.p. 68-90.

PRATA, J. M. **Patrimônio Cultural e Cidade**: práticas de preservação em São Paulo. 2009. 182 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009.

PORTO ALEGRE. **História dos Bairros de Porto Alegre**. [200-]. Disponível em: < http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2015.

RADDATZ, V. L. S.; MORIGI, V. J. Mídia e Representações Sociais: estratégias de comunicação sobre a infância. In: MORIGI, V. J.; ROSA, R.; MEURER, F. (Org.). **Mídia e Representações da Infância**: narrativas contemporâneas. Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SOUZA, W. E. R.; CRIPPA, G. O Patrimônio como Processo: uma idéia que supera a oposição material-imaterial. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2011.

STUMPE, I. R. C; WEBER, M. H. Comunicação e Informação: conflitos e convergências. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 121-134.

VALLES, Miguel S. La Investigación Documental: técnicas de lectura y documentación. In: _____. **Técnicas Cualitativas de Investigación Social**: reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Síntesis, 1999. p. 109-139.